

A REPETIBILIDADE NO ENCAIXE PRÉ-CONSTRUÍDO EM *CHÃO DE EXÍLIO*, DE WANDA MONTEIRO, E EM *TRANSTEMPO*, DE BENEDICTO MONTEIRO

REPEATABILITY IN THE PRE-CONSTRUCTED FITTING IN *CHÃO DE EXÍLIO*, BY WANDA MONTEIRO, AND IN *TRANSTEMPO*, BY BENEDICTO MONTEIRO

Kássia Juliana da Silva Sampaio¹
Abilio Pacheco de Souza²

RESUMO

Neste texto, analisaremos o discurso das duas obras literárias *Transtempo* (1993), de Benedicto Monteiro, e *Chão de Exílio* (2021), de Wanda Monteiro, a partir dos enunciados pronunciados pelos autores-narradores, e faremos um paralelo com a cobertura midiática dos meses iniciais de 1964 em Belém. O objetivo é entender como esses discursos se relacionam entre si a partir de um encaixe sintático pré-construído. Para a análise, nos apoiaremos na noção de pré-construído conforme a Análise do Discurso (AD) a partir de estudiosos como Pêcheux (1983), Foucault (2015) e Indursky (2011).

Palavras-chave: Ditadura militar; Análise do Discurso; Literatura.

ABSTRACT

In this text, we will analyze the discourse of the two literary works *Transtempo* (1993), by Benedicto Monteiro, and *Chão de Exílio* (2021), by Wanda Monteiro, based on the statements pronounced by the author-narrators, and we will make a parallel with the coverage media in the early months of 1964 in Belém. The objective is to understand how these discourses relate to each other based on a pre-constructed syntactic fit. For the analysis, we will rely on the notion of pre-constructed according to Discourse Analysis (DA) from scholars such as Pêcheux (1983), Foucault (2015) and Indursky (2011).

Keywords: Military dictatorship; Discourse Analysis; Literature.

¹ Mestranda no programa de pós-graduação Mestrado Acadêmico em Letras (POSLET-UNIFESSPA) e graduada em Letras (UNIFESSPA). Bolsista FAPESPA. Foi bolsista de PIBIC e destaque na Semana de Iniciação Científica em 2023. Integrante do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos de Resistência e Teoria do Testemunho (LAERTE), coordenado pelo professor Abilio Pacheco. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-8557-5074>. E-mail: juliana.sampaio@unifesspa.edu.br.

² Doutor em Teoria e História Literária (UNICAMP com estágio sanduíche na FU-Berlin). Professor do programa de pós-graduação em Letras na UNIFESSPA. Pós-doutorando no PPGLIT, bolsista CAPES - PDPG. Membro do GT de Literatura Comparada da Anpoll. Líder do Grupo de Pesquisa LAERTE - Laboratório de Estudos de Resistência e Teoria do Testemunho. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6809-4865>. E-mail: abiliopacheco@unifesspa.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O século XX, conhecido como “a era das catástrofes” (conforme Hobsbawm, 1995), foi palco de diversos acontecimentos que marcaram a história da humanidade. Primeira e Segunda Guerra Mundial, Revolução Russa, ascensão do nazismo, Guerra Civil Espanhola, Revolução Chinesa, Revolução Cubana e Guerra do Vietnã, são exemplos desses eventos. No âmbito da América Latina, no contexto da Guerra Fria, se destaca a eclosão das ditaduras militares em diversos países nas décadas de 1960 e 1970. EUA e URSS disputavam o mapa-mundi como num jogo de tabuleiro.

No Brasil, além da ditadura de Vargas, de uma ampla impregnação tentacular do Integralismo e dos reflexos da II guerra na vida brasileiro em seus mais variados aspectos, houve ainda uma segunda ditadura militar que durou mais de 21 anos, cuja transição democrática segue incompleta e que ainda hoje esponeja seus hábitos podres, espalhando-se pela vida política, pela memória em disputa, pelo cotidiano de famílias, etc. O golpe militar de 1964, deixou o país nas trevas por mais de duas décadas. Foi um período marcado pelo profundo caráter de violência, autoritarismo e repressão. De acordo com o autor Lizandro Calegari (2008), a violência executada durante o período da ditadura militar foi superior, por exemplo, àquela executada durante o Estado Novo (1937-1954) – regime autoritário implantado por Getúlio Vargas.

Passados quase quarenta anos do fim da ditadura militar no Brasil ainda é possível sentirmos suas marcas e chorarmos suas dores diante dos relatos de tantas violências sofridas por aqueles que eram contra esta forma de governo. Durante o regime, muitos dissidentes foram presos, mortos, torturados, exilados e, dentre tantos, está Benedicto Monteiro (conforme Pachêco de Souza, 2023), que com a eclosão da ditadura militar foi perseguido pelo governo por defender a igualdade social, a não segregação de classes, a reforma agrária, entre outras pautas. Por isso, foi preso inúmeras vezes, teve seu mandato político cassado e precisou se esconder na mata para fugir das prisões e torturas dos militares, fatos que são narrados em sua obra *Transtempo* (1993).

Sabemos, porém, que não somente aqueles que enfrentaram deliberadamente o governo sofreram com a ditadura, pois a perseguição se estendia aos amigos e familiares dos dissidentes como forma de intimidação e repressão. Nesse sentido, a

família de Benedicto foi diretamente afetada a partir do momento em que ele começou a ser perseguido. E é exatamente esta realidade que vai ser retratada na obra *Chão de exílio* (2021), em que Wanda Monteiro – filha de Benedicto Monteiro – narra diversas experiências traumáticas vividas na infância, junto com sua mãe e seus irmãos.

Neste trabalho, consideramos o discurso presente na mídia paraense no período que antecedeu ao golpe de 1964, bem como dois textos literários escritos relacionados ao contexto do golpe. Sendo o primeiro uma autobiografia do escritor paraense perseguido pelo regime e um romance autoficcional publicado por sua filha quase 30 anos depois.

Analisaremos o discurso das duas obras literárias, a partir dos enunciados pronunciados pelos autores-narradores, e faremos um paralelo com a cobertura midiática dos meses iniciais de 1964 em Belém. O objetivo é entender como esses discursos se relacionam entre si a partir de um encaixe sintático pré-construído. Para a análise, nos apoiaremos na noção de pré-construído conforme a Análise do Discurso (AD) a partir de estudiosos como Pêcheux (1983), Foucault (2015) e Indursky (2011).

2 A NOÇÃO DE PRÉ-CONSTRUÍDO EM AD

Quando tratamos sobre memória na AD é preciso ter em mente que essa memória não é de natureza cognitiva, nem psicológica. Ela é, neste domínio de conhecimento, social. “Assim, chegamos às primeiras reflexões em torno de memória: se há repetição é porque há retomada/regularização de sentidos que vão constituir uma memória que é social, mesmo que esta se apresente ao sujeito do discurso revestida da ordem do não-sabido” (Indursk, 2011, p. 67).

É importante destacar que, para a AD, repetir não quer dizer repetir palavra por palavra exatamente. Muito embora este tipo de repetição também ocorra, para a AD a repetição estaria vinculada, por exemplo, à noção de pré-construído que pode ser mobilizada através de duas modalidades: a primeira ocorre por uma operação de encaixe sintático e a segunda pode ocorrer sob a forma de discurso transversal. A noção de pré-construído, desenvolvida a partir dos estudos de Pêcheux e outros pesquisadores, diz respeito a “todo o elemento de discurso que é produzido anteriormente, em um outro discurso e independentemente” (Indursk, 2011, p. 69).

De acordo com Indursky (2011, p. 69):

O primeiro é objeto de uma operação de apropriação que, através de um encaixe sintático, estabelece correferência entre o que é apropriado e encaixado no discurso do sujeito e o que aí já se encontra formulado, produzindo o efeito de que aquele pré-construído foi produzido ali, no discurso do sujeito.

Já o discurso transversal diz respeito a um “discurso-outro entra de viés no discurso do sujeito, tangenciando-o e nele fazendo eco de algo que foi dito em outro lugar” (Indursky 2011, p. 67). Ainda “retoma um pré-construído que foi objeto de asserção em outro lugar e que, no discurso que dele se apropria, ressoa metonimicamente, como um implícito” (Indursky 2011, p. 67). No discurso transversal a movimentação de sentidos acontece porque, de acordo com Pêcheux: “um enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar-se discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (Pêcheux, 1983, p. 53).

Antes da análise dos livros de Benedicto Monteiro e Wanda Monteiro, observemos como ocorreu na capital paraense a construção de sentidos com vistas a fomentar nas pessoas a existências de um inimigo interno e a ‘necessidade’ de combatê-lo.

3 DISCURSO E MÍDIA COMO ANTESSALA DO GOLPE

Na tarefa da preparação para o golpe, os jornais de Belém tiveram grande influência. Como afirmou Pacheco de Souza (2023, p. 28-29), na capital paraense ocorre

um significativo trabalho preparatório que consistia na instauração do medo e da construção de um inimigo interno a ser derrotado (no caso, o Comunismo) e foi reforçado pelas manifestações de rua por Deus e pela Família e um maçante e persistente trabalho da imprensa..

Estes veículos de informação “aceitaram a tese que havia um inimigo subversivo da democracia, das tradições, da ordem e que era necessário combatê-lo” (Fontes, 2014, p. 341).

As notícias que circulavam nos jornais fixaram no imaginário popular uma determinada visão do “comunismo” e os perigos que este carregava, atribuindo aos que se posicionavam contra os militares o rótulo de subversivos e comunistas. Como consequência, firmou-se no imaginário popular, também, que uma intervenção militar seria a única forma de livrar o país desde mal que o ameaçava. Isto fez com que a maior parte da população apoiasse o golpe e encarasse a ditadura como um movimento benéfico.

Em todo o estado do Pará, “a busca de um apoio da sociedade, via imprensa e a tentativa de consolidar uma opinião pública favorável para o golpe de 1964, foi um processo amplo, que teve a participação dos jornais e rádios” (Fontes, 2014, p. 344).

Neste contexto, a oposição se viu atônita na espera de alguma reação que não veio. O presidente João Goulart partiu para o Uruguai e o presidente da câmara dos deputados assumiu a presidência. No Pará, na noite do dia 1º de Abril, quando a situação no Centro-Sul já estava relativamente definida, o governo de Aurélio do Carmo fez a cômoda escolha pelo lado vitorioso (conforme Amílcar Tupiassu, *apud* Pere Petit, 2014, p. 172). A mídia paraense já havia tomado partido pelo que chamavam de “revolução”.

Temos na literatura e nas artes em geral uma forma de se contrapor a este dispositivo de poder, já que muitos artistas conseguiam expressar sua discordância para com o governo. Foi o que aconteceu, por exemplo, com a música “Cálice”, de Chico Buarque de Holanda e com o romance *Quarup*, de Antonio Callado (1967), *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles (1973), *O minossauro*, de Benedicto Monteiro (1975) e outros tantos romances publicados ainda dentro do período ditatorial.

De acordo com Foucault (2015, p. 117), a literatura está:

obstinada a procurar o cotidiano por baixo dele mesmo, em ultrapassar os limites, em levar brutal ou insidiosamente os segredos, em deslocar a regras e os códigos, em fazer dizer o inconfessável, ela tenderá, então, a se pôr fora da lei ou, ao menos, a ocupar-se do escândalo, da transgressão ou da revolta. Mais do que qualquer outra forma de linguagem, ela permanece o discurso da infâmia: cabe a ela dizer o indizível - o pior, o mais secreto, o mais intolerável, o descarado.

A presença de um discurso do indizível, imerso nas dobras da linguagem, escondido nas frestas é sobre o que nos dedicaremos na próxima seção deste artigo a partir de duas obras vinculadas à escrita de si e ao testemunho.

4 TRANSTEMPO E CHÃO DE EXÍLIO

Publicados com quase 30 anos de diferença, *Transtempo* (1993), de Benedicto Monteiro, e *Chão de Exílio* (2021), de Wanda Monteiro, guardam aproximações não apenas por serem obras que refletem sobre a situação política no Brasil durante a ditadura militar iniciada em 1964, mas principalmente pelo caráter de complementaridade tanto ficcionalmente, quanto historicamente. Wanda é filha de Benedicto que é espelhado na narrativa como pai da narradora.

Na autobiografia *Transtempo*, Benedicto Monteiro se propõe a contar toda sua vida, sem esconder nada e, neste processo, nos apresenta diversos episódios que sempre foram acobertados ou subvertidos pelos militares: as torturas físicas e psicológicas, as cassações e as caçadas a ele e a outros dissidentes do governo. É um livro marcado também por muitos não-dizeres, afinal o autor afirma em um poema que

revolvi cortar dez anos
da existência.
[...] Corto o âmago:
Corto,
extirpo,
extingo,
expurgo,
excomungo
o ano fatídico de 1964.
(Monteiro, 1993, 152)

Já Wanda Monteiro busca reconstruir suas memórias de infância, daquele período que para ela é “nublado”, sem muitas lembranças nítidas, mas do qual ela ainda guarda muita dor. A narradora, no início do romance, fala sobre a saudade que sente do pai: “a saudade de Miguel será sempre um silêncio” (Monteiro, 2021, p. 19) e, no parágrafo seguinte, relaciona a memória do período ditatorial com a pandemia do presente. “Nessa noite de lua cheia, o assombro da pandemia e das mortes, anunciadas no horário nobre da TV, me fez lembrar de um pretérito abril, avassalador em seus silêncios” (Monteiro, 2021, p. 19) Para alcançar seu objetivo, ela se apoia nas obras literárias do pai e toma para si muitos de seus sentimentos e lembranças.

Quando se trata de um testemunho de memória da segunda geração³ “é por meio da mediação do discurso de terceiros que os filhos conseguem testemunhar sobre os acontecimentos históricos, tendo em vista que, na época do evento, alguns deles eram muito pequenos, e outros ainda não tinham nascido” (Lobato; Sarmiento-Pantoja, 2019, p. 58).

Dessa forma, considerando que as memórias fragmentadas da autora são “completadas” posteriormente, observamos que Wanda Monteiro recebe informações que àquela época não teve acesso e que também a ajudam a construir suas memórias, como quando diz: “Tempos depois, eu soube: Em algum lugar da selva amazônica, Miguel se embrenhara para fugir de seus algozes” (Monteiro, 2021, p. 23).

Para além disto, ambos os textos agem como um contraponto da história oficial, contada inicialmente nos livros e na mídia, descredibilizando a versão dos detentores do poder e a verdade por muito tempo contada e fixada no imaginário de grande parte dos brasileiros. Os artistas e autores aqui trabalhados nadam na contracorrente deste discurso e acabam por ajudar a construir, pouco a pouco, uma nova memória histórica e social, que também passará a pertencer à nossa memória e daqueles que vierem posteriormente, auxiliando na descoberta e compreensão dos acontecimentos passados. Este processo de deslizamento de sentidos sobre os discursos oficiais da ditadura militar são um modo de fazer com que este discurso marcado pelo autoritarismo e repressão tenha cada vez mais suas nuances descortinadas e reveladas, para que compreendamos os dispositivos de poder e controle que escondem.

Situamos a análise neste texto na modalidade de encaixe sintático do pré-construído. No discurso presente no romance *Chão de exílio*, por exemplo, acontece essa repetição palavra por palavra em relação a *Transtempo*, pois Wanda Monteiro, além de transferir ideias da obra do pai para a sua, também retira trechos e repete frases e palavras exatas.

Em *Transtempo*, no final do capítulo “A incomunicabilidade da incomunicabilidade” Benedicto Monteiro fala sobre cair numa “ilha”. Mesmo estando em sua cidade, no convívio da família, ele considera que vivia em uma “ilha social” e se sentia como um exilado dentro da própria pátria: “Mesmo no convívio com a minha

³ Termo que se refere ao testemunho dos filhos dos perseguidos políticos.

família, ao lado de minha mulher e meus filhos, eu tinha bruscamente caído numa ilha, uma ilha do mundo, numa ilha social, numa ilha da avenida” (Monteiro, 1993, p.81).

Mais à frente o autor continua:

Precisava, de alguma forma, forçar o meu trânsito no meio daquela sociedade hostil que eu mesmo tinha teimado em escolher para viver o meu exílio. [...] Por isso o mundo em que eu comecei a viver, depois que saí da prisão, era apenas uma ilha. Pois eu morava numa cidade, caminhava nas ruas, frequentava o fórum e as repartições públicas onde eu advogava os meus clientes. Ia ao comércio, às praias, às praças públicas e transitava sempre pelo meio de gente. Mas sentia o isolamento, forçado inteiramente pelas circunstâncias políticas e sociais, decorrentes do golpe militar de 1964. (Monteiro, 1993, p. 116-7).

Este relato de Benedicto Monteiro se relaciona com o capítulo “Aprender a ilha”, do *Chão de Exílio*, em que a autora escreve:

Renegados! Assim nos sentíamos naquele chão de exílio. Era como se nós não pudéssemos mais viver nas ruas, nas escolas, nos clubes, nos restaurantes, nas praças e nem nas igrejas. Pior ainda, era como se grande parte daquela gente rendida e comprada por outras verdades impostas e instaladas por um regime de exceção, não nos quisessem mais vivos entre eles. Exilados dentro de casa, era como iríamos viver durante tantos anos de perseguição implacável contra Miguel, contra sua família. [...] A casa, uma ilha dentro de outra ilha. A ilha, outro chão. O nosso chão de exílio (Monteiro, 2021, p. 33-34).

Dessa forma, em *Chão de exílio* temos um discurso que vem de uma memória social, passada de pai para filha. Uma memória característica dos que viveram a ditadura como vítimas – pois ambos, cada um a seu modo, foram perseguidos pela ditadura. Wanda Monteiro repete e reproduz as ideias e as palavras antes proferidas por seu pai: o exílio; a ilha; e o entendimento de viverem como exilados mesmo sem sair do país.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras aqui analisadas, apesar de estarem afastadas no tempo por quase 30 anos, se aproximam muito no que diz respeito ao conteúdo. Sendo carregadas de teor testemunhal e trazendo à tona as atrocidades cometidas pelos militares, vão narrar acontecimentos que se deram no mesmo período de tempo e desencadeados pelo mesmo motivo: a explosão da ditadura militar.

Assim, em suas obras, os autores – cada um por sua ótica – compartilham memórias, momentos, dores e outros aspectos que são comuns não somente por tratarem da mesma temática, mas, sobretudo, por serem pai e filha, fato que faz com que as intersecções presentes em ambas as narrativas sejam muito mais explícitas e pungentes.

Como bem destaca Indursky, apoiada em Pêcheux, o pré-construído ocorre a partir de um encaixe sintático no enunciado. É certo que há um regime de repetibilidade entre as formulações das duas narrativas, sustentando redes de memória, pelo sistema de paráfrases. Podemos afirmar dizer que ambas as obras pertencem a mesma matriz de sentido e que o discurso de *Chão de exílio* retoma o discurso de *Transtempo* através da operação de encaixe sintático.

As situações discursivas presentes em ambas as narrativas se entrelaçam a partir da repetibilidade do discurso dentro da FD ditadura, produzindo o mesmo efeito de sentido através da operação de encaixe sintático. Além disso, o posicionamento da mídia no período pré-64 e nos anos de ditadura revelam as relações de poder existentes no contexto da ditadura militar de modo que, ao estabelecer sua autoridade e legitimidade, o estado cria mecanismos para transformar seus discursos em história oficial, promovendo o silenciamento dos excluídos do poder. Entretanto, as obras de arte, incluindo a literatura e as obras aqui analisadas, agem na contramão e tentam desarmar estes dispositivos de poder e controle.

REFERÊNCIAS

CALEGARI, Lizandro Carlos. **A literatura contra o autoritarismo: a desordem social como princípio da fragmentação na ficção Brasileira pós-64.** Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Centro de Artes e Letras, UFSM, Santa Maria, 2008.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991.** Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. *In*: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Cristina Leandro Ferreira. **Memória e história na/da análise do discurso.** Campinas: Mercado de Letras. 2011. p. 67-89.

FONTES, Edilza Joana. **O Golpe Civil-Militar de 1964 no Pará:** Imprensa e Memórias. **OPIS**, Catalão - GO, v. 14, n. 1, p. 340-360 - jan./jun. 2014.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Ética, estratégia, poder-saber. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 4. v. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

LOBATO, Ladyana dos Santos; SARMENTO-PANTOJA, Tânia Maria Pereira. Testemunho da experiência da infância no exílio e sua representação no conto infantojuvenil meninos sem pátria, de Luiz Puntel. Margens: **Revista Interdisciplinar do PPGCITI**, Abaetetuba, v. 13, n. 21, p. 54-69, dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v13i21.9548>. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/13162>. Acesso em: 09 de set. 2022.

MONTEIRO, Benedicto. **Transtempo**. Belém: CEJUP, 1993.

MONTEIRO, Wanda. **Chão de Exílio**. Belém: Amo!, 2021.

PACHÊCO DE SOUZA, Abílio. **No rastro e no rumo das palavras**: a história brasileira recente na obra de Benedicto Monteiro. Rio Branco: Nepan, 2023.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.

PETIT, 2014. O golpe militar-civil e o partido dos militares (Arena) no Estado do Pará. [**Historiæ**, Rio Grande, 5 (2): 179-226, 2014]